

---

## Mutilação genital feminina: uma análise da cobertura do The Guardian e do TV 5 Monde<sup>1</sup>

Paula Furtado Orling ALVES<sup>2</sup>

Thamires Ribeiro MATTOS<sup>3</sup>

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP

### RESUMO

O presente artigo aborda a cobertura dos jornais TV 5 Monde e The Guardian sobre a mutilação genital feminina no norte e centro-norte da África entre janeiro e abril de 2024. A partir dos Estudos Culturais, dos Estudos de Comunicação e Consumo e dos Estudos de Recepção, nota-se a intersecção da MGF com elementos culturais. A Análise do Discurso unida à Crítica de Mídia permite questionar os discursos apresentados pelos jornais sobre a MGF. Ideias de Eni Orlandi (2012), Stuart Hall (1973) e Rogério Christofolletti (2007), combinadas com pesquisas da Unicef e da ONU e comparadas com posições de Nawal El Saadawi (2007), contribuem para a análise e crítica dos produtos veiculados no TV 5 Monde e no The Guardian. Os resultados demonstram que os jornais sugerem a religião, a tradicionalidade e a economia como agentes de perpetuação da MGF e revelam o ativismo a favor dos direitos humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** mutilação genital feminina; Jornalismo Internacional; África; The Guardian; TV 5 Monde.

### TEXTO DO TRABALHO

#### Introdução

A mídia tem o poder de influenciar a percepção da comunidade sobre os fatos que a cercam, especialmente quando ultrapassam o físico e adentram o âmbito digital, em que o seu alcance é estendido (Kellner, 2001). Neste sentido, os jornais TV 5 Monde, com vasto alcance na África – potencializado por sua popularização em plataformas de streaming (Batalha, 2022) – e The Guardian, na Europa, Oceania e América do Norte (The Guardian, 2021; 2023) representam grandes formadores de opinião pública. Para compreender de que forma a mídia trata de assuntos de impacto

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Graduanda em Jornalismo no Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [orling.paula@gmail.com](mailto:orling.paula@gmail.com).

<sup>3</sup> Thamires Ribeiro Mattos, Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela UNICAMP. E-mail: [mattos.thamires@acad.unasp.edu.br](mailto:mattos.thamires@acad.unasp.edu.br)

social, desenvolveu-se uma pesquisa a respeito da cobertura dos jornais TV 5 Monde e The Guardian em relação à questão da Mutilação Genital Feminina (MGF) nos países do norte e centro-norte da África no ano de 2024, com destaque para a Somália, Egito, Guiné-Bissau, Gâmbia e Sudão, tendo a Análise do Discurso como metodologia. A pesquisa tem como base os marcos teóricos dos Estudos Culturais, dos Estudos de Comunicação e Consumo e dos Estudos de Recepção. Ao todo, 27 conteúdos dos dois jornais foram analisados nos sites de notícias de cada veículo de comunicação.

A MGF é considerada uma violação dos direitos humanos fundamentais pela Organização das Nações Unidas (ONU). Mesmo assim, persiste como uma problemática comum em dezenas de países ao redor do mundo, especialmente nas regiões norte e centro-norte da África. Líderes sociais de diversas esferas buscam combater a prática que tem raízes profundas:

A amputação do clitóris e, às vezes, até mesmo dos órgãos genitais externos, caminha de mãos dadas com a lavagem cerebral das meninas, com uma campanha calculada e impiedosa para paralisar sua capacidade de pensar, julgar e entender. Pois ao longo dos séculos, um sistema [...] retrata a situação das mulheres como um destino prescrito pelo Criador que as fez como são, fêmeas, e, portanto, uma espécie inferior da raça humana (El Saadawi, 2007, p. 63).

A Pesquisa de Saúde e Demografia da Somália de 2022 aponta que 99% das mulheres entre 15 e 49 anos foram submetidas à MGF (CARE, 2022). A persistência da MGF como uma violação dos direitos humanos fundamentais, juntamente com o papel crucial da mídia na formação de percepções públicas e agendas políticas, torna esta investigação essencial. No dia 18 de março de 2024, a Gâmbia revogou a proibição da mutilação genital feminina, estabelecida em 2015, eliminando as proteções legais para milhões de mulheres. Esta situação gera preocupação nos países vizinhos, que correm o risco de seguir esta tendência (Maclean, 2024).

A cobertura analisada é uma visão forânea, com as lentes do Ocidente, que tem o potencial de ampliar a visibilidade da questão em âmbito internacional e em determinadas esferas das sociedades africanas que consomem esses produtos. O estudo forneceu uma visão ampla sobre a temática da MGF e as leituras que formam a base teórico-conceitual serviram como referência para a compreensão do tema e como guia para a construção da análise e das inferências.

### **Análise do Discurso como conceito teórico e metodológico**

O estudo referencial é fundamentado principalmente na Análise do Discurso, uma abordagem teórico-metodológica que permite examinar criticamente os discursos produzidos e divulgados pelos jornais TV 5 Monde e The Guardian sobre a Mutilação Genital Feminina (MGF) nos países do norte e centro-norte da África ao longo dos meses janeiro, fevereiro, março e abril de 2024. A Análise do Discurso foi escolhida por sua capacidade de analisar o conteúdo manifesto dos textos, além das estratégias discursivas utilizadas para identificar ideologias, construir significados não explícitos e compreender como os discursos são ampliados dentro de contextos específicos. Além desta teoria, elementos da Crítica de Mídia serão integrados.

A Análise do Discurso é uma abordagem teórico-metodológica amplamente utilizada para examinar como textos linguísticos e práticas discursivas constroem significados e influenciam as percepções da sociedade. Orlandi (2012) apresenta a teoria e a metodologia para investigar o discurso, enfatizando a necessidade de relacionar língua, ideologia e sociedade.

Foram analisados 27 conteúdos do TV 5 Monde e The Guardian entre janeiro e abril de 2024, sendo eles reportagens, notícias, entrevistas, entre outros. Diante dos textos, foram percebidas palavras e termos que se repetiram, especialmente com o objetivo de determinar o posicionamento dos jornais a respeito da MGF. Além disso, a escolha das fontes para as entrevistas feitas pelos veículos foi analisada, a fim de perceber o uso da parcialidade dos jornais a respeito do crime.

Ao analisar a cobertura da MGF na mídia, considera-se também as perspectivas de especialistas e críticos da prática. Nawal El Saadawi, ativista e autora egípcia, estabelece em suas obras que a MGF é uma prática cultural diretamente ligada à estrutura da sociedade que perpetua a desigualdade de gênero e viola os direitos humanos das mulheres (El Saadawi, 2007). A ativista contraria as narrativas tradicionais e ressalta a obrigatoriedade moral da conscientização e da mudança social para erradicar essa prática prejudicial.

Quando as contribuições teóricas de Eni Orlandi (2012), Stuart Hall (1973) e Rogério Christofolletti (2007) são analisadas em conjunto com as propostas de ativistas que tratam da MGF é possível desenvolver uma crítica abrangente do discurso

mediático. Assim, considera-se tanto seus aspectos linguísticos quanto sociais, e sua influência direta na construção da sociedade contemporânea dos países do norte e centro-norte da África.

Neste cenário, Stuart Hall é reconhecido por seu impacto no campo da comunicação e, principalmente, nos Estudos Culturais. Hall (1973) descreve o modelo de codificação e decodificação, uma estrutura analítica para entender como os receptores interpretam e atribuem significado às mensagens da mídia, com o foco no processo de recepção. Assim, a Crítica de Mídia é necessária, pois é papel da mídia na sociedade contemporânea discutir questões de ética jornalística, o nível de qualidade da informação e os desafios enfrentados pelos profissionais de comunicação (Christofoletti, 2009), condições a serem analisadas pela ótica do TV 5 Monde e The Guardian.

Partindo destas ideias, os Estudos Culturais dão um panorama de como a cultura é produzida, consumida e contestada em diferentes contextos sociais e históricos, e argumenta que a cultura não é estática ou monolítica, mas dinâmica e modificável (Williams, 2011). Neste sentido, utilizando os Estudos Culturais, é possível traçar uma linha que conecta as informações transmitidas pela mídia sobre a MGF a suas implicações sociopolíticas. A partir de Williams, Nawal El Saadawi (2007) critica as estruturas de poder na opressão das mulheres, destacando a religião e as interpretações patriarcais das escrituras sagradas como forma de justificar e perpetuar a misoginia em nome da tradição e da moralidade (El Saadawi, 2007).

### **A mutilação genital feminina**

“A promiscuidade é uma escolha, assim como a virgindade; não há relação com cortar minhas terminações nervosas, meu tecido genital sensível. Dê uma voz, pare com o ato” (Babatunde, 2019, online).

Hoje, muitas mulheres protestam contra a mutilação genital feminina. Mesmo assim, esta é uma prática amplamente cultivada na África (Unicef, 2013). Alguns chamam o processo de circuncisão feminina, mas o termo é questionado por muitas organizações e ativistas por soar como banal e negligenciar a gravidade da situação (Parlamento Europeu, 2020). A mutilação genital feminina afeta cerca de 200 milhões de meninas e mulheres na atualidade (Wisal, 2024). Por isso, o dia 6 de fevereiro é

---

considerado o Dia Internacional da Tolerância Zero para a Mutilação Genital Feminina. Atualmente, a Somália é o país com a maior proporção de mulheres mutiladas, mas a dor do procedimento não respeita as fronteiras deste único país. Mais 29 países da África e do Oriente Médio consideram a prática comum (Unicef, 2023).

Existem consequências físicas da mutilação, como hemorragia, transmissão de doenças pela higiene inadequada das lâminas usadas na prática e entupimento do canal vaginal nos períodos de menstruação (Cunha, 2019). Além disso, há quatro tipos de mutilação genital, sendo o terceiro tipo, o pior, que se dá pelo "estreitamento do orifício vaginal através da criação de uma membrana selante, pelo corte e aposição dos pequenos lábios e / ou dos grandes lábios, com ou sem excisão do clítoris, (infibulação)" (Paixão et. al, [s.d.], p. 5). No caso do terceiro tipo, é necessária a abertura – normalmente sem a ajuda de um profissional de saúde – da vagina durante o parto e faz-se a "circuncisão" novamente após o nascimento do bebê. Este processo pode se repetir sempre que a mulher tem um filho(a). Em casos extremos, até mesmo para que se tenha a relação sexual, é necessária a reversão parcial da costura na genitália da mulher (Paixão et al., [s.d.], p. 5). Além das consequências físicas, estresse pós traumático, ansiedade, depressão e experiências de perda de memória são resultados comuns da MGF (Manasi e Tammary, 2023). "A Mutilação Genital Feminina, MGF, é considerada uma violação dos direitos humanos" (ONU, 2019, online).

### **Ausência de informação na cobertura midiática da MGF**

Mesmo que a MGF seja uma prática comum na Somália, a cobertura midiática do país a este respeito é superficial e indiferente, chegando a ser complacente. No principal jornal do país, Horseed Media, a temática não aparece desde 2021 e apenas 19 conteúdos sobre a temática foram postados no site de notícias, sendo o post mais antigo datado de 2010, sendo que vários destes 19 conteúdos tratam de assuntos tangenciais ou se referem à MGF como o "processo cultural da circuncisão" (Horseed Media, 2024). À primeira vista, a ausência de conteúdos e mesmo a aparente indiferença do jornal podem parecer chocantes. Por outro lado, o efeito é facilmente entendível, mesmo que não justificável. A popularidade da MGF normaliza na mente da população esta prática. Sendo 98% das mulheres "circuncidadas" (Unicef, 2013), jornalistas, esposas dos jornalistas, mães, filhas e irmãs deles também são. El Saadawi (2007) compreende que

o crime está estampado diante dos olhos da multidão, mas não enxergam a profundidade do perigo e da frequência da ocorrência.

Outros países sofrem com a mesma falta de informação em relação a MGF. Os países do norte da África pouco noticiam sobre esta temática e, quando o fazem, é de maneira bastante superficial. A frequência da prática leva à banalização do crime onde este deveria ser mais questionado (El Saadawi, 2007).

### **Religião como justificativa para a MGF**

Em muitas sociedades religiosas, a pureza sexual é vista como uma exigência divina, uma condição para a admissão na comunidade religiosa e para o acesso a determinadas práticas rituais (Douglas, 1966). Para muitas mulheres, ser "circuncidada" é um requisito religioso, que não se limita a apenas uma religião, mas está presente no Islamismo, no Judaísmo, no Cristianismo, no Animismo, entre tantas outras (Unicef, 2013).

Neste sentido, o The Guardian destaca que a MGF ainda é praticada em nome da religião (Egbejule, 2024). Mesmo que a mutilação não seja reconhecida por nenhuma denominação com número contabilizado significativo de membros como um requisito (Unicef, 2013), muitos líderes religiosos locais ainda argumentam que a MGF é a forma que um ou mais deuses requer para que suas adoradoras sejam consideradas puras. Este é o caso do imam gambiano Abdoulie Fatty (2023):

Essa campanha contra a circuncisão feminina é na verdade uma luta contra o Islã. Mas estamos prontos para sacrificar tudo [...], aqueles que os prenderam e o magistrado que os sentenciou e qualquer outra pessoa que os apoie, nós os amaldiçoaremos até deixarmos este mundo para garantir que Alá os destrua (Egbejule, 2024, online).

Diante da problemática deste discurso, os jornais The Guardian e TV 5 Monde se posicionam a favor de informar a população sobre o que, de fato, é preceito religioso e o que é interpretação errônea das escrituras sagradas. Além disso, alertam o mundo para a existência de radicais religiosos, informação que ajuda a compor a visão internacional diante da MGF.

### **Aceitação social como justificativas para a MGF**

---

Em Serra Leoa, os índices de MGF caíram 7% em relação a 2013, o que representa um grande avanço para o desenvolvimento dos direitos humanos no país. Mesmo assim, 83% das mulheres do país são mutiladas (UNFPA, 2019). "O procedimento faz parte de um ritual de iniciação tradicional que marca a entrada de uma menina na fase adulta. Conforme o repórter a serviço do The Guardian, o procedimento "é realizado por soweis, membros mais experientes das sociedades secretas Bondo compostas exclusivamente por mulheres" (Strzyżyńska, 2024, online). Para milhares de pessoas, a MGF é requisito para que as moças sejam bem vistas pela sociedade, consigam um bom casamento e sejam capazes de oferecer satisfação ao marido durante a relação sexual (Unicef, 2013).

Diante desta problemática, o TV 5 Monde luta contra a MGF sensibiliza sua audiência ao relatar histórias reais de mutiladas, incluindo alertas para o perigo presente na prática. "Há mais de 230 milhões de meninas e mulheres que passaram por excisão ou mutilação genital. O número aumentou drasticamente nos últimos anos" (Delpierre, 2024, online). Ademais, o meio de comunicação utiliza sua influência e alcance para advogar por políticas mais rigorosas e abrangentes destinadas a prevenir a MGF e proteger os direitos das mulheres e meninas. Isso engloba a cobertura de iniciativas legislativas, campanhas de advocacia e histórias de sucesso em diferentes países, facetas da problemática presentes nos conteúdos mais recentes sobre a MGF (TV 5 Monde, 2024).

### **Desigualdade de gênero e desinformação como origens da MGF**

A desigualdade de gênero é considerada pela ONU (2019) uma raiz para a mutilação genital feminina, prática que "viola os direitos humanos das mulheres e crianças e priva elas da oportunidade de tomarem decisões informadas e críticas sobre o próprio corpo e vidas" (ONU, 2019, online). O The Guardian (2024) descreve uma tendência na atualidade de retornar com a prática em países em que houve a diminuição da MGF nas últimas duas décadas, sob o argumento de preservação cultural. Existem relatos desta tendência, especialmente no Quênia, "onde mulheres com mais de 30 anos estão optando por passar pela mutilação genital feminina como um "retorno à cultura" da preservação da feminilidade (Kimeu, 2024, online). Existe pluralidade no imaginário africano sobre a mutilação genital. A ONU descreve:

Em algumas comunidades, ela é realizada para controlar a sexualidade de mulheres e meninas. Às vezes é um pré-requisito para o casamento e pode ter relação forte com o casamento infantil. Algumas sociedades fazem a MGF por causa de mitos sobre a genitália feminina. Um exemplo é a crença de que um clitóris que não é cortado pode crescer e ficar com o tamanho de um pênis, ou, que a MGF aumenta a fertilidade. Outros consideram a parte externa da genitália feminina como suja e feia (ONU, 2019).

Deveria ser direito de qualquer ser humano ser protagonista de sua própria história, direito retirado pelos carrascos da MGF (El Saadawi, 2007). Esta ideia concorda com o psicólogo humanista Carl Rogers (1961), que enfatiza a importância da autenticidade, da congruência e do autoconceito positivo para o desenvolvimento saudável do indivíduo. Ele argumenta que a busca pela autorrealização é uma parte essencial da condição humana e que cada pessoa tem a capacidade de se tornar quem realmente é, desde que encontre as condições adequadas de apoio e compreensão (Rogers, 1961).

### **Economia na perpetuação da MGF**

Um aspecto que perpetua a MGF é a economia, especialmente pelos soweis, que operam as mutilações e sobrevivem com o dinheiro gasto pelas famílias durante as cerimônias (Strzyżyńska, 2024). “As famílias podem gastar entre US\$ 300 e US\$ 400 em toda a cerimônia, que dura três semanas. Temos que ser capazes de substituí-lo por outra coisa” (Koroma *apud* Strzyżyńska, 2024). Em contrapartida, a MGF acarreta um custo de US\$ 1,4 bilhão por ano para tratar as vítimas e, em alguns casos, desfazer o procedimento (ONU, 2020). Diante deste cenário, Strzyżyńska (2024) defende que existe uma mudança gradual de pensamento, mas que ações públicas e privadas são necessárias a fim de conter os danos sociais e econômicos da MGF.

### **Intervenção do TV 5 Monde diante da MGF**

O posicionamento político referente à mutilação genital mais recente do TV 5 Monde se refere à proposta de descriminalização da MGF na Gâmbia. Os rituais de mutilação são proibidos no país desde 2015, mas um projeto de lei controverso foi votado em março, buscando revogar essa proibição. Se aprovado em junho, a Gâmbia



será o primeiro país do mundo a reverter a proibição das MGF (AFP, 2024). A Human Rights Watch e a Unicef destacam os impactos na saúde e as altas taxas de MGF na Gâmbia, afirmando que a revogação da proibição pode desencadear retrocessos nos esforços para proteger as mulheres e meninas (HRW apud AFP, 2024; Unicef, 2024, online). A revogação pode fazer com que outros países sejam influenciados a descriminalizar a prática. "A lei proposta (...) poderia encorajar medidas semelhantes em outros lugares do continente, minando assim o progresso na proteção de meninas e mulheres contra essa prática prejudicial" (Segun apud AFP, 2024).

Ao se pesquisar "mutilation génitale féminine" ("mutilação genital feminina" em francês), mais de 2.700 textos aparecem de 2009, data da primeira publicação, a 2024, sendo 13 destes textos de janeiro a abril de 2024 e diretamente ligados ao tema da MGF. As temáticas variam entre propostas oficiais de governos africanos a respeito da MGF, ativismo feminista e impacto da religião nas ações populacionais (TV 5 Monde, 2024).

### **A intervenção do The Guardian diante da MGF**

Entre os dias 1º de janeiro e 30 de abril, o The Guardian publicou 14 conteúdos que abordam a temática da mutilação genital feminina, reforçando os problemas causados pela prática. Estas não são as primeiras vezes que o jornal se posiciona contra a MGF, tendo um histórico de combate, que inclui uma campanha, em 2014, com produtos em vídeo, poemas, notícias, reportagens e entrevistas sobre os danos que a mutilação causa. Isto feito, reforça que a educação e o ativismo são fundamentais na conscientização populacional sobre a temática (Strzyżyńska, 2024).

Sen (1999) comemora o papel da educação na promoção da liberdade e igualdade, sendo uma das principais formas de capacitar as pessoas a exercerem seus direitos. No âmbito africano, a educação se mostra a chave para a proteção de meninas e mulheres de sociedades que acreditam na normalidade da MGF. Em Guiné-Bissau, onde 44,9% das mulheres passaram pela mutilação genital (28 Too Many, 2018), a educação cumpre seu papel de informar sobre os riscos da prática e diminuir o número de praticantes. "Com educação, informação e sensibilização, estamos a ver que [a prática da mutilação genital feminina] pouco a pouco está a terminar" (Baldé apud Cascais; Melo, 2017, online).

---

Neste sentido, é papel do jornalismo intervir de maneira a retroceder com a prática (Rosen, 1999). Portanto, o The Guardian também usa sua voz no sentido de apoiar leis e regulamentações que inibam a mutilação genital feminina. O jornal divulga determinações e campanhas de organizações mundiais e locais que lutam contra a prática que contraria os direitos humanos:

O Fundo de População das Nações Unidas e o Unicef estão liderando conjuntamente um programa global para acelerar a eliminação da MGF, à qual estima-se que 230 milhões de meninas e mulheres em todo o mundo tenham sido submetidas. Os graves danos causados pela mutilação genital feminina à saúde psicológica e física têm sido amplamente documentados. (Taylor, 2024, online).

A partir desta divulgação, o The Guardian se posiciona contra a crueldade da MGF, utilizando seu alcance informacional para combater o que fere os direitos humanos (ONU, 2019).

### **Considerações finais**

A mutilação genital feminina é um problema grave comum em cerca de 30 países, especialmente na África (Unicef, 2013). A prática coloca mais de 200 milhões de mulheres em situação de vulnerabilidade (Wisal, 2024), sendo perpetuada por padrões sociais, religiosos e econômicos, que só serão revertidos por meio da educação, conscientização e incentivos privados e governamentais (Strzyżyńska, 2024).

Diante do propósito de explorar a problemática da MGF nos níveis físico, psicológico e social no norte e centro-norte da África, além de examinar o papel do ativismo social a favor das mulheres africanas na luta contra a misoginia, infere-se que os jornais TV 5 Monde e The Guardian cumprem o papel de informar e se posicionar contra a crueldade

Além disso, defendem as liberdades individuais das mulheres na região. Eles combatem a prática a mutilação genital feminina ao desconstruir ideias patriarcais de padrão feminino a ser seguido e favorecem o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, saudável e igualitária, praticando seu papel no jornalismo (Fenton, 2010).

A qualidade dos produtos de ambos os jornais se dá pela habilidade de elencar ideias de forma respeitosa e informativa, enquanto é capaz de lutar ativamente contra a

prática que limita a liberdade feminina e causa prejuízos permanentes à cidadã e à sociedade.

Diante de um tempo limitado e grande volume de conteúdos a serem analisados, a pesquisa buscou sintetizar as principais ideologias transmitidas pelo The Guardian e pelo TV 5 Monde a respeito da MGF. Neste sentido, pesquisas futuras a respeito do tema, utilizando a Análise do Discurso e a Crítica de Mídia, são essenciais para que se forme uma compreensão mais ampla dos perigos da mutilação genital feminina e a checagem do jornalismo diante de seu papel de dar voz aos menos ouvidos.

## REFERÊNCIAS

28 TOO MANY; THOMSON REUTERS FOUNDATION. Guiné-Bissau: a lei e MGF. *Barnet*: 28 Too Many, c2018. Disponível em: [https://www.fgmcri.org/media/uploads/Country%20Research%20and%20Resources/Guinea%20Bissau/guinea\\_bissau\\_law\\_report\\_v2\\_\(august\\_2018\)\\_portuguese.pdf](https://www.fgmcri.org/media/uploads/Country%20Research%20and%20Resources/Guinea%20Bissau/guinea_bissau_law_report_v2_(august_2018)_portuguese.pdf). Acesso em: 13 mai. 2024.

AFP. HRW appelle la Gambie à maintenir l'interdiction des mutilations génitales féminines. *TV 5 Monde*, 20 abr. 2024. Disponível em: <https://information.tv5monde.com/terriennes/hrw-appelle-la-gambie-maintenir-linterdict-ion-des-mutilations-genitales-feminines>. Acesso em: 10 mai. 2024.

BABATUNDE, R. Stop Female Genital Mutilation. *Poem Hunter*, 21 mai. 2019. Disponível em: <https://www.poemhunter.com/poem/stop-female-genital-mutilation/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

BATALHA, R. TV5Monde obtem alcance global via streaming com VOS360 da Harmonic. *Panorama audiovisual*, 25 mai. de 2022. Disponível em: <https://panoramaaudiovisual.com.br/tv5monde-obtem-alcance-global-via-streaming-com-vos360-da-harmonic/>. Acesso em: 8 mai. 2024.

CARE. Conheça as garotas campeãs na Somália Educando comunidades sobre os perigos da MGF. *CARE*, 4 mar. 2022. Disponível em: <https://www.care.org/pt/news-and-stories/health/meet-the-girl-champions-in-somalia-educating-communities-about-the-dangers-of-fgm/#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20mais,enquanto%20as%20escolas%20estavam%20fechadas>. Acesso em: 22 mar. 2024.

---

CASCAIS, A.; MELO, M. Guiné-Bissau: Educação é chave para acabar com MGF. DW, 06 de fev. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/guin%C3%A9-bissau-educa%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-chave-para-acabar-com-mutila%C3%A7%C3%A3o-genital-feminina/a-37406333>. Acesso em: 12 mai. 2024.

CHRISTOFOLETTI, R. Vitrine e Vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo. Covilhã: LabCom, 2010.

CUNHA, R. M. A. Mutilação genital feminina: intervenção internacional e a barreira sociocultural. Centro Universitário Estácio do Ceará, Sobral, 2019.

DELPPIERRE, A. Alerte sur les mutilations génitales en nombre croissant. TV 5 Monde, 11 mar. 2024. Disponível em: <https://information.tv5monde.com/afrique/video/alerte-sur-les-mutilations-genitales-en-nombre-croissant-2713557>. Acesso em: 11 mai. 2024.

DOUGLAS, M. Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo. Abingdon: Routledge & Kegan Paul, 1966.

EGBEJULE, E. (2024). 'Right to freedom from torture': UN experts urge the Gambia not to decriminalise FGM. The Guardian, Abidjan, 11 abr 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2024/apr/11/right-to-freedom-from-torture-un-experts-urge-the-gambia-not-to-decriminalise-fgm>. Acesso em: 9 mai. 2024.

EL SAADAWI, N. The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World. 2. ed. London: Zed Books, 2007.

FENTON, N. New Media, Old News: Journalism and Democracy in the Digital Age. Los Angeles: SAGE Publications Ltd, 2010.

HALL, Stuart. Encoding and Decoding in the Television Discourse. Journal of Communication, Volume 27, Número 3, p. 10-32, 1973. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/81670115.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2024.

HORSEED MEDIA. Resultados da pesquisa sobre MGF. Horseed Media, 9 mai. 2024. Disponível em: <https://horseedmedia.net/page/2?s=fgm>. Acesso em: 9 mai. 2024.

---

KELLNER, D. A Cultura da Mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

KIMEU, C. Dramatic rise in women and girls being cut, new FGM data reveals. The Guardian, Nairobi, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2024/mar/08/dramatic-rise-in-women-and-girls-being-cut-new-fgm-data-reveals>. Acesso em: 12 mai. 2024.

MACLEAN, R. Gambia Moves Toward Overturning Landmark Ban on Female Genital Cutting. The New York Times, Dakar, 18 mar. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/03/18/world/africa/gambia-female-genital-cutting.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MANASI, K.; TAMMARY, E. 2023. Mental and sexual health outcomes associated with FGM/C in Africa: a systematic narrative synthesis. eClinicalMedicine, 56, 1-19. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/eclinm/article/PIIS2589-5370\(22\)00542-9/fulltext#:~:text=Mental%20health%20outcomes%20majorly%20manifest,FGM%2FC%20too%20may%20occur](https://www.thelancet.com/journals/eclinm/article/PIIS2589-5370(22)00542-9/fulltext#:~:text=Mental%20health%20outcomes%20majorly%20manifest,FGM%2FC%20too%20may%20occur). Acesso em: 9 mar. 2024.

ONU. ONU: mitos e fatos sobre a Mutilação Genital Feminina. ONU News: Perspectiva Global Reportagens Humanas, 6 fev. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1658751>. Acesso em: 12 mai. 2024.

ONU. ONU: Mutilação genital prejudica mulheres e economias. ONU News: Perspectiva Global Reportagens Humanas, 6 fev. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/02/1703172#:~:text=A%20mutila%C3%A7%C3%A3o%20genital%20feminina%20acarreta,esse%20n%C3%BAmero%20chega%20a%2030%25>. Acesso em: 30 mai. 2024.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. 9. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PAIXÃO, Margarida et al. Mutilação Genital Feminina: Manual de Orientação para as Escolas. Amadora: ACES Amadora/ USP António Luz, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2019/11/Mutila%C3%A7%C3%A3o-Genital-Feminina-Manual-de-Orienta%C3%A7%C3%A3o-para-as-Escolas-003.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2024.

---

PARLAMENTO EUROPEU. Mutilação genital feminina: por que ainda acontece e quais os seus efeitos?. Temas: Parlamento Europeu, 11 fev. 2020. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20200206STO72031/mutilacao-genital-feminina-porque-ainda-acontece-e-quais-os-seus-efeitos#:~:text=A%20mutila%C3%A7%C3%A3o%20genital%20feminina%20>. Acesso em: 8 mai. 2024.

ROGERS, C. On Becoming a Person. Boston: Houghton Mifflin, 1961, P. 100-120.

ROSEN, J. What Are Journalists For?. 1. ed. New Haven: Yale University Press, 1999.

SEN, A. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

STRZYŻYŃSKA, W. Three girls die after FGM rituals in Sierra Leone. The Guardian, 2 fev. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2024/feb/02/girls-die-after-fgm-ceremonies-in-sierra-leone>. Acesso em: 9 mai. 2024.

TAYLOR, D. Trainee FGM ‘cutter’ who fled the Gambia fights renewed risk to girls. The Guardian, 2 abr. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2024/apr/02/trainee-fgm-cutter-who-fled-the-gambia-fights-renewed-risk-to-girls>. Acesso em: 12 mai. 2024.

THE GUARDIAN. Our audience: The Guardian attracts a unique group of people. The Guardian Advertising, 2023. Disponível em: <https://advertising.theguardian.com/us/advertising/audience>. Acesso em: 8 mai. 2024.

THE GUARDIAN. Our audience: 6.4 million Australians engage with our agenda-setting journalism. The Guardian Advertising, 2021. Disponível em: <https://advertising.theguardian.com/au/advertising/audience>. Acesso em: 8 mai. 2024.

TV 5 MONDE. (2024). Resultados da pesquisa sobre mutilacion génitale féminine. Disponível em: [https://information.tv5monde.com/recherche?search\\_api\\_fulltext=Mutilation+g%C3%A9nitale+f%C3%A9minine&created=01.01.2024+00%3A00%3A00&created\\_1=30.04.2024+23%3A59%3A59](https://information.tv5monde.com/recherche?search_api_fulltext=Mutilation+g%C3%A9nitale+f%C3%A9minine&created=01.01.2024+00%3A00%3A00&created_1=30.04.2024+23%3A59%3A59). Acesso em: 9 mai. 2024.

UNFPA. Female genital mutilation. UNFPA, Serra Leoa, 2019. Disponível em: <https://sierraleone.unfpa.org/en/topics/female-genital-mutilation-4>. Acesso em: 9 mai. 2024.

UNICEF. Female Genital Mutilation/Cutting: A statistical overview and exploration of the dynamics of change. New York: Unicef, 2013.

WILLIAMS, R. Cultura e Sociedade. 11ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 2011.

WISAL, A. In Turning the Tide Against Female Genital Mutilation, Survivors Can Be Effective Agents of Change. United Nations, 5 fev. 2024. Disponível em: <https://www.un.org/en/un-chronicle/turning-tide-against-female-genital-mutilation-survivors-can-be-effective-agents-change>. Acesso em: 7 mai. 2024.